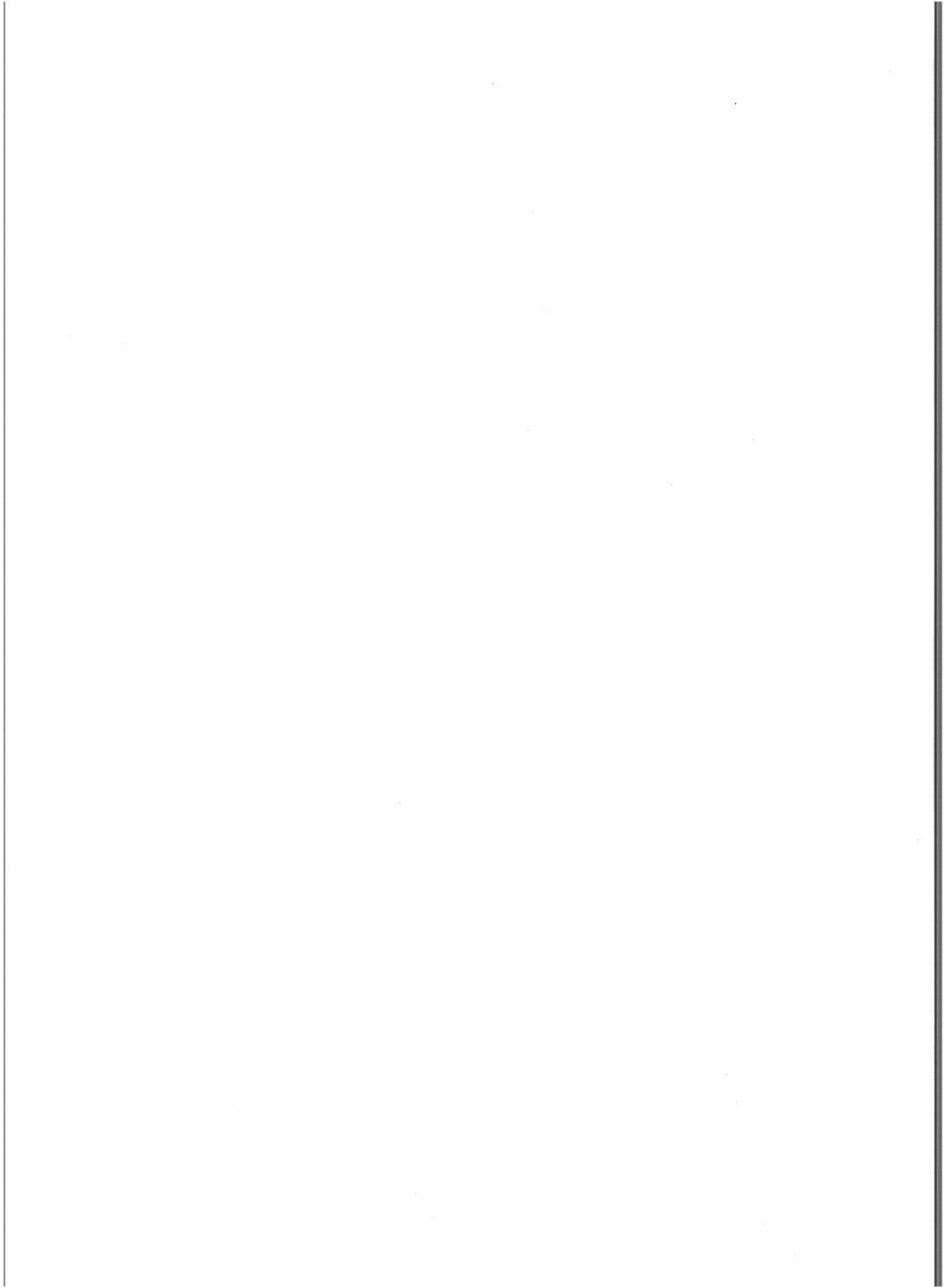


Parte II
Dossiê Literatura Brasileira



Ilimitáveis da memória/exercícios de metamemória (Cecília Meireles, Marly de Oliveira, Helena Parente Cunha, Astrid Cabral)

Angélica Soares*

Resumo

Proponho uma compreensão poética do memorialismo lírico a partir da dicção de Cecília Meireles, Marly de Oliveira, Helena Parente Cunha e Astrid Cabral. Os poemas selecionados, ao se constituírem como metamemória, apontam para a natureza ilimitável da própria memória que, sendo assim, torna improcedente: fragmentar o tempo em momentos estanques (exclusivamente presente, passado e futuro); demarcar fronteiras entre percepção e imaginação, realidade e ficção; separar lembrança e esquecimento; limitar o sujeito da recordação a uma concepção fechada e individualizadora. Ao desvelar-se, velando-se, a memória nos revela, em sua natureza inventiva a temporalidade humana tridimensional; o mais além do acontecido e do ficcionalizado; o drummondiano “esquecer para lembrar”, na experiência de *alétheia* (des-esquecimento e verdade) e o constituir-se e reconstituir-se incessante do sujeito no jogo intersubjetivo das identidades.

Palavras-chave: Poesia; Memória; Metamemória; Sujeito Plural; Tempo Tridimensional.

Reconhecendo haver sempre, em toda vivência essencialmente humana, algo que se vela no ato de desvelar-se, ao voltar-me para a compreensão da memória, definições e conceitos me pareceram insuficientes; daí ter optado por buscar diálogos possíveis com textos poéticos selecionados, que me permitissem introduzir a permanente tensão entre lembrar e esquecer, pensada aqui como um dos pilares de nosso dinamismo existencial.

Revisitando a poesia intimista de Cecília Meireles, pude constatar que nela a frequência da memória é tal que chega a configurar-se como uma metamemória:

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

a memória conduzindo a uma reflexão sobre a sua própria dinâmica. Assim, muitas vezes, ela faz-se objeto do poema e lança-se nos versos, deixando-nos vestígios de seu mostrar-se e retrair-se, promotores da historicidade humana, de tudo o que o ser humano é e faz, em sua temporalidade unitária, tridimensional, simultaneamente presente, passado e futuro (SOARES, 2004, p. 300-301). Esses indícios textuais cecilianos corresponderam, de imediato, a minha referida opção e, sendo assim, começemos pelo poema “Canção”, do livro **Retrato natural**:

ERAS UM ROSTO
na noite larga
de altas insônias
iluminada.

Serás um dia
vago retrato
de quem se diga:
“o antepassado”.

Eras um poema
cujas palavras
cresciam dentre
mistérios e lágrimas.

Serás silêncio
tempo sem rastro,
de esquecimentos
atravessado.

Disso é que sofre
a amargurada
flor da memória
que ao vento fala.
(MEIRELES, 1958, p. 509)

Confrontam-se aí “um rosto” e “um poema”, no dinamismo da passagem do tempo – ambos atravessados pelo esquecimento, que se antecipa, na antecipação do futuro: “Serás um dia/ vago retrato” e “Serás silêncio”, respectivamente. Os versos guardam, nas indicações gramaticais, o sentido unitário, e não único, do tempo da memória: o passado (“eras”) é trazido ao presente (“é”, “sofre”) e conduzido ao futuro (“serás”), lembrando-nos, na imagem de “o antepassado”, a consciência da finitude desta vida, a mobilizar o nosso desejo de permanência, que se inscreve no ato de lembrar e fazer lembrar. É o que nos parece, também, estar no sentido melancólico do texto. A perda se ultrapassa quando deixa a sua amargura reconstruída poeticamente como faz Cecília Meireles, pois o “tempo sem rastro” é rastreado pelas marcas impressas no verso. São os paradoxos da

memória, que se compreendem se atentarmos para o sentido da pré-ocupação,¹ conforme pensado por Heidegger (1997, p. 407) e pelo qual o ser humano experimenta a temporalidade e assume-se como ser – no mundo – para a morte.

Não se trata, portanto, apenas de reconstruir-se o passado no presente da recordação, mas de reconhecer que a memória instala uma incessante tensão com o futuro. Esta nos aparece como uma das lições da reflexividade memorialística do poema e via de acesso a uma compreensão mais abrangente da relação entre tempo e memória.

A consciência dessa tensão com o futuro leva ainda Cecília Meireles a tensionar a tristeza recordada com o sentido da esperança, no poema intitulado “Explicação”, de *Vaga música*:

A Alberto de Serpa

O pensamento é triste; o amor, insuficiente;
E eu quero sempre mais do que vem nos milagres.
Deixo que a terra me sustente:
Guardo o resto para mais tarde.

Deus não fala comigo – e eu sei que me conhece.
A antigos ventos dei as lágrimas que tinha.
A estrela sobe, a estrela desce...
– espero a minha própria vinda.

(Navego pela memória
sem margens.

Alguém conta a minha história
e alguém mata os personagens.)
(MEIRELES, 1958, p. 242)

O passado não se limita a ser recordado (“A antigos ventos dei as lágrimas que tinha”); chega ao presente (“A estrela sobe, a estrela desce...”) e se abre para o sentido da possibilidade (“Espero a minha própria vinda”), ampliando-se os horizontes vivenciais, uma vez que a memória desconhece margens. O navegar, enquanto metáfora do viver, ultrapassa uma noção limitada e lógico-sequencial do tempo, organizada por conexões exclusivamente materiais (um dos modos de compreender as inclusões divinas, comuns ao universo ceciliano). Um modo de permanecer é ser lembrado após a morte.

Outro aspecto que, a partir de Cecília Meireles, me parece importante introduzir é a impossibilidade de se criarem fronteiras entre memória e imaginação.

¹ Alguns termos aparecem sublinhados e com separação dos prefixos, a fim de serem ressaltados a sua etimologia e o seu sentido originário.

Cabe-nos reconhecer, conforme sintetizou Eduardo Portella, o caráter inventivo da memória: “C’est une invention d’ont la memoire nous fournit elle même la matiere premiere” (PORTELLA, 2003, p. 3). Na última estrofe do poema intitulado “Memória”, de *Vaga música*, a experiência de não se poder reduzir a memória a uma mera representação se explicita. Senão vejamos:

A José Osório

MINHA FAMÍLIA anda longe,
com trajos de circunstância:
uns converteram-se em flores,
outros em pedra, água, líquen;
alguns, de tanta distância,
nem têm vestígios que indiquem
uma certa orientação.

Minha família anda longe,
– na Terra, na Lua, em Marte –
uns dançando pelos ares,
outros perdidos no chão.

Tão longe, a minha família!
Tão dividida em pedaços!
Um pedaço em cada parte...
Pelas esquinas do tempo,
brincam meus irmãos antigos:
uns anjos, outros palhaços...
Seus vultos de labareda
rompem-se como retratos
feitos em papel de seda.
Vejo lábios, vejo braços,

– por um momento persigo-os;
de repente, os mais exatos
perdem sua exatidão.
Se falo, nada responde.
Depois, tudo vira vento,
e nem o meu pensamento
pode compreender por onde
passaram nem onde estão.

Minha família anda longe.
Mas eu sei reconhecê-la:
um cílio dentro do oceano,
um pulso sobre uma estrela,
uma ruga num caminho
caída como pulseira,
um joelho em cima da espuma,
um movimento sozinho
aparecido na poeira...

Mas tudo vai sem nenhuma
noção de destino humano,
de humana recordação.

Minha família anda hoje.
Reflete-se em minha vida,
mas não acontece nada:
por mais que eu esteja lembrada,
ela se faz de esquecida:
não há comunicação!
Uns são nuvem, outros, lesma...
Vejo as asas, sinto os passos
de meus anjos e palhaços,
numa ambígua trajetória
de que sou o espelho e a história.
Murmuro para mim mesma:
“É tudo imaginação!”.

Mas sei que tudo é memória...
(MEIRELES, 1958, p. 201-202)

Na imaginação, incidem o alargamento do pensar, o risco da irrealidade, a previsão e até a vigília para a possibilidade de algo relacionado aos acontecimentos presentes e passados. Relaciona-se, assim, comumente à idéia do inexistente. Por outro lado, é a capacidade para criar algo que, ganhando forma, se torna possível, pois há uma força prospectiva na imaginação, pela qual temos acesso a uma presentificação do ausente, a partir do percebido. Perceber e imaginar são atos simultâneos e se impregnam mutuamente embora, comumente, tentemos diferenciá-los. O que Cecília Meireles parece nos dizer é tudo isso e não só. É que na ação de lembrar contamos com a imaginação, pois que os fatos não se revivem, reconstroem-se, recriam-se nos descontínuos e lacunares movimentos temporais da rememoração (BACHELARD, 1988, *passim*). Ao declarar Fernando Pessoa (heterônimo Álvaro de Campos), em sua agudeza poética: “A mágoa revisitada. Lisboa de outrora de hoje!” (CAMPOS, 1969, p. 246) ele nos traz a referência do mesmo no outro, do passado no presente, da emergência do ontem no hoje, da recriação do que foi, no que é; e já a pré-visão do vir-a-ser: “E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!” (CAMPOS, 1969, p. 246).

Poderíamos resumir essa estrutura simultânea do tempo na memória, pela referência ao presentificado, ao presentificante e ao presentificável – simultaneidade alicerçada no desvelamento velado do “Abismo” e do “Silêncio” pessoais, a revelarem a finitude na expectativa da infinitude.

No poema de Cecília Meireles, o presente gramatical permite dramatizar a insuficiência dos vestígios de uma família já convertida em “pedra”, “água”, “líquen”: sinais mobilizadores da memória, cujos traços esmaecem. A recriação

poética dos “pedaços” divididos amplia a atuação da imaginação nas “imagens-lembranças” (BERGSON, 1996, p. 57-70), que ultrapassam a “humana recordação”. Daí, ser possível espacializar o tempo: “Um pedaço em cada parte.../ Pelas esquinas do tempo,” tornando mais concretos (no sentido de *cum crescere*, de crescer com) os “vultos da labareda” a clarearem a mobilidade do tempo e detalhes da não exatidão, nos fragmentos longínquos. A lembrança aliada ao pensamento como exercício mental é insuficiente para o advento da memória, conforme já buscara Bergson comprovar em *Matéria e memória*. A memória mobiliza a afetividade, o inconsciente, o involuntário, e o metafórico reconhecimento da “ambígua trajetória” da existência humana, na qual lembrar e esquecer são faces da mesma moeda. E, sendo assim, imaginação e memória são indelimitáveis, por se manifestarem interpenetradas, ao promoverem a recordação e, concomitantemente, o esquecimento, sem o qual não se expressam as “imagens-lembranças”. Nos vestígios da “família” ceciliana, por mais que o recordador a lembre, “ela se faz de esquecida”.

Marly de Oliveira associa, no poema XIV, de *A vida natural*, essa participação do esquecimento na constituição da memória a uma reflexão sobre o ato de criação poética e seu poder de ampliação da realidade, que leva às últimas consequências a ocorrência da imaginação nos fatos recordados.

XIV. Quando flores e nuvens,
mosaicos de silêncio repentino,
frescos vales e montes,
onde a erva cresce e o gado se apascenta,
e o rio sua prata

Oferece gentil, à móvel brisa
de sede sossegada,
quando tudo o que tenho for lembrança,
que será do que vejo,
se a mais fiel memória transfigura

o que lembra? No entanto,
o mesmo milho crescerá no campo,
repetindo o ritual
de há milênios; as mesmas-outras águas
espalharão no dorso

de vidro movediço os mesmo ramos.
Estas serão as árvores,
as verdadeiras, íntegras, antigas
que só com o pensamento
eu não alcançarei em plenitude

de silêncio e de vida.
 Pois uma coisa é ter, outra, lembrar.
 Uma coisa é viver,
 viver em bruto, o sol dando na pele,
 o vento levantando

cortinas de esperança e esquecimento;
 outra coisa é criar.
 Criar quase prescinde do que existe.
 o que existe é somente
 um rascunho ou um ponto de partida.

Enquanto posso, vivo
 a fértil realidade destes longes.
 Laboriosa construo
 com este mel, para os futuros sonhos,
 aprazível morada.
 (OLIVEIRA, 1989, p. 146-147)

O sujeito, inserido na paisagem geográfica presente, antecipa-lhe a futura lembrança, interrogando-se, a partir do agora (que será passado), o que permanecerá do que se tem. Insere-se, portanto, assim, também, na paisagem existencial, na temporalidade das vivências humanas tridimensionais e, reconhecendo-se poeta, encaminha, nos versos, sua criação para o próprio ato de criar (inclusivo do sonho) para o vigor ilimitado da memória e para a força da linguagem recriadora do acontecer, isto é, do acontecido acontecendo e transformando-se em futura “aprazível morada”, no universo laborioso e construtivo do desejo do criador.

Os versos oliveirianos trazem-nos, claramente, a consciência poética da impossibilidade de recuperar-se, com precisão factual, o passado exatamente como foi vivenciado (“Pois uma coisa é ter, outra lembrar.”). O memorialismo literário, por ceder, enquanto construção estética, deliberadamente, aos apelos da imaginação em níveis não delimitáveis e à atuação do imaginário, sempre sinuosa e inclausurável, “transfigura”, mais que a “fiel memória”, o que se lembra, alargando o âmbito de significação do próprio recordador, que se deixa conduzir pela “fértil realidade destes longes” – imagem que pontua o sentido de fertilidade da memória, a produzir a aproximação das distâncias entre as três dimensões do tempo.

Desse modo, se vê possibilitada a reconstrução de um passado enquanto realidade acontecida, mesmo que seja fictícia e enquanto realidade ficcional, mesmo que acontecida. Isto porque a percepção está sempre mediada pela imaginação; daí o mesmo fato, compartilhado por várias pessoas, possuir várias versões. Como nos parece querer comunicar Marly de Oliveira, pelo sentido fecundo da memória, conforma-se uma verdade que vai além do vivido e do fictício; o que nos reconduz ao sentido de *alétheia*: palavra grega composta a partir de *lêthe*, que diz “esquecimento”, com o prefixo indicador de privação e que, nos primórdios do pen-

samento ocidental permitia aproximar memória (enquanto des-esquecimento) de verdade, designada por *alétheia* (CASTRO, 1997, p. 159-160). A indissociabilidade entre *Mnemosyne* e *Léthe* (GRIMAL, 1997, p. 274-275), constitutiva do dinamismo mítico, que permanece alicerçando as nossas humanas vivências (LEÃO, 1997, p. 193-197) nos destina, historicamente, a reconstituições de mundo que não prescindem da falta, num resgate do longínquo.

O exercício metamemorialístico nos aponta, nas quinta e sexta estrofes do poema, explicitamente, essa inclusão do “esquecimento” constitutivo da memória. Só o esquecido é lembrado. No ato da recordação, reconstrói-se o passado e a sua perda: edificação motivada pelo sentido antecipador do futuro, inscrito no verso pela imagem da “esperança”. E porque necessitamos “esquecer para lembrar”, conforme sintetizou Drummond (1979), no título de **Boitempo III**, deslocamo-nos na eterna relação de presença e ausência, de emergência e fuga do sucedido. No dizer de Marly de Oliveira (1989):

Ter – como se esperasse, eu louvo no hoje
A permanência do ontem que me foge. (p. 174)

Retornando ao poema XIV, quero acrescentar ainda que, nas mesmas – “outras águas” mergulha, sempre, pela memória, um mesmo – outro sujeito que, ao refazer o que permanece do ontem fugidio, se refaz, laboriosamente, reconstituindo-se e preparando-se para o amanhã. Daí que memória e constituição de identidade não se dissociam. O sujeito, em permanente processo de construção / reconstrução, faz sobressair as suas especificidades temporalmente. Ao salvaguardar a diferença, ele nos remete para o outro, sem o qual ele próprio não se especifica. Identidade e alteridade devem imbricar-se intersubjetivamente, para que se constituam sujeitos autênticos, numa via de mão dupla socialmente igualitária.

Pela memória, procuramos reunir o que fomos e fizemos, ao que somos e fazemos e ao que seremos e faremos, em suas permanências e mudanças.

Configurar identidade é pôr em comum, é formar, como nos lembrou Heidegger (1971), um “comum pertencer” (p. 53-66). E, uma vez que ela resulta de experiências partilhadas, no processo de sua enunciação podemos rastrear tendências e desejos de determinado grupo social; podemos pensar o coletivo. O eu que fala no discurso, espelha-se e, especulando-se, num exercício de autoconhecimento, espelha a ordem cultural. Assim, entendo que a individualização das lembranças deve ser apreendida como um processo metonímico, uma vez que cada estória refeita remete-nos para a história de um grupo, de uma classe social, uma etnia, um gênero etc. e conseqüentemente, para outro grupo, outra classe social, outra etnia, outro gênero; o que se pode pluralizar e verticalizar.

Helena Parente Cunha, em **Maramar**, relaciona o “mar” e o “amar” ao fluir do

tempo e à realidade em constante mudança, também em exercícios de metamemória. Com metáforas de uma interminável viagem, à procura de respostas para o mistério da existência, pensa circularmente a memória, unindo o próximo ao distante e fazendo do ponto de chegada (futuro) lugar de “antigas lembranças”:

e estas ânsias de lembrar
de saber além das coisas

o remo por que remar
o regresso ao cais exato

estas ânsias de saber
o ponto por que parti

quero o nome do navio
quero o rosto do piloto

estas ânsias por chegar
achar antigas lembranças.
(CUNHA, 1980, p. 29-30)

Aí, o desejo de lembrar para saber o além do agora navega pelas duas margens dos dísticos do poema, em busca da terceira, a que já se recriou em Guimarães Rosa (1974, p. 27-32) como busca do desconhecido, como vivência da liminaridade entre vida e morte, e entre o dizer e o calar, que compõem a margem da criação. E por ser a liminaridade tocada pela angústia, os indícios da trajetória (“o nome do navio”, “o rosto do piloto”) emergem em ansiosa procura, na palavra inventada: nas “lembranças”, que assim dizem mais do ansiar pela chegada. A procura, intimamente ligada ao compreender e ao encontrar-se, move-se no jogo do tempo, criando condições para o modo de ser que nos humaniza, que nos faz querer “remar”, querer saber, querer saber-nos, em nossa consciência da transitoriedade da viagem.

“Rota”, outro selecionado poema de Maramar, reinventa, pela natureza inventiva da memória, a estrutura simultânea do tempo, tensionando “litorais adormecidos” pelo esquecimento, com a “futura esteira”, cujas ondas passadas (“de onde vim”) nas quais estão imersos (“sob aqui”) os roteiros do percurso, “sulcão”:

venho de incontidas ondas
lançadas em litorais adormecidos

lembro passos
que ainda não passei
esqueço

a futura esteira
que as ondas
de onde vim
sulcarão

sob aqui
emergindo lá
parto das praias aonde não cheguei.
(CUNHA, 1980, p. 3-4)

Assim, o esquecimento é não só do passado, mas também do futuro. É do que se vive no agora e até do que não se viveu ou se viveu na oblíqua inconsciência do desejo, que também, como “ondas”, vem à tona no sonho e na *rêverie*; daí se poder partir de “praias” aonde não se chegou: parafraseando as imagens helenianas.

O sentido da pré-visão, indicado no futuro verbal (“sulcarão”) remete-nos ainda para a atuação geradora da memória, a promover em nós a ocorrência da antecipação. A literatura memorialística (e, por isso, inventiva) leva-nos a concluir, pelas mãos de Proust que, ao redescobrir-se o tempo, o que temos não é a representação literária do tempo vivido, mas o revelar (enquanto velar-se no desvelado) da essência temporal da realidade, que irrompe das ruínas, no impalpável do presente e no mais além do futuro, que a literatura garante em seus deslimites:

Mas quando mais nada subsistisse de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, – o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício da recordação. (PROUST, 1983, p. 47)

Esse proustianos signos sensíveis da memória, edificantes do re-cordar (do pôr de novo no coração) comparecem na produção literária de Astrid Cabral pela ambigüidade sensorial, na qual se alicerçam as tensões do tempo em *Lição de Alice*. Aí, o pré-ser-se da memória figuriza-se como “Véspera”, antecedendo-se à “própria história”:

Sem saber de que chafariz
jorrariam as lágrimas
nem de que ferida braba
nasceria a cicatriz
à véspera da própria história
aspirávamos o amanhã
flor de maçã, white magnólia.
(CABRAL, 1986, p. 88)

No modo astridiano de recriação lírica da mobilidade temporal da memória, o futuro do pretérito melhor diz da vigília do sujeito à espreita das dores inevitáveis e de suas marcas, cicatrizadas pela ação do tempo após a pré-sentida “ferida braba”. Sendo assim, recorda-se um amanhã desejado e já fruído nas fragrâncias da “flor de maçã” e da “white magnólia”, essências de perfumaria que testemunham o poder evocativo dos signos olfativos que se impregnam na alma e, como almas em sua imortalidade, espreitam-nos, à espera de manifestar-se. Ensinando a suportar a dor do crescimento e da finitude, a memória brinda o ser com a evasão criativa, libertadora, que nos faz esquecer, “cicatriz” as danificações e até brincar, divertir-nos, inventar a vida, também na invenção da linguagem.

É pelo viés desse divertimento, que Astrid Cabral joga explicitamente, com as sugestões semânticas da língua e que, infantilmente (como Alice, de Carroll) prefere pensar, recriar o pensamento que pensa os mistérios do futuro, ainda não atravessados: envoltos no presente. Assim, ela une todos os tempos, em “Vesperal”.

Enxerto-me no ontem:
eis-me à janela de gerânios
num recanto de Londres.
Um sol de sangue parafraseia-me
o coração sangria desatada.
Ainda não atravessei
o mistério do meu futuro.
(A vida, um presente no embrulho).
(CABRAL, 1986, p. 89)

A partir do título instala-se a ambivalência dos signos. “Vesperal” liga-se à véspera, à tarde, à idéia de tudo o que precede um acontecimento e até à festa, a divertimento. O presente é véspera do futuro, mas também o que se ganha como regalo, com intento de agradecer, de alegrar, de divertir. “Sangria desatada”, como grande perda de sangue, é o que precisa de atendimento imediato: os apelos do “coração”. Na inversão maneirista, o que se exprime externamente (a cor sangüínea do sol) reflete o sentimento do eu (“parafraseia-me”); o que traz ao poema, além do emblematismo natural, a consciência de que se trata de um jogo lingüístico, de um divertimento com as potencialidades da língua, na criação de novos modos de dizer. Por isso, também, por identificação com os “gerânios”, o eu enxerta-se na véspera do hoje para conviver com o amanhã, ainda não desvelado.

Astrid Cabral, Helena Parente Cunha, Marly de Oliveira e Cecília Meireles, aqui ressaltadas, parecem querer revelar, nas entrelinhas do texto, que é no discurso que a vida se constrói e que o sujeito articula, privilegiadamente, a experiência temporal, sempre alicerçada nos ilimitáveis da memória.

Abstract

I propose a poetic comprehension of the lyric memorialism taken from the quotes of Cecília Meireles, Marly de Oliveira, Helena Parente Cunha and Astrid Cabral. The selected poems, consisted as metamemoria, focus on the unlimited nature of their own memory, which as a result, becomes unprecedented: fragments time into frozen moments (exclusively present, past and future); creates boundaries between perception and imagination, reality and fiction; separates memory and forgetfulness; limits the subject of recollection to a closed and individualist conception. When unveiled, veiling itself, the memory reveals to us, in its inventive nature, the human tridimensional timing; the beyond what happened and what was fictionalized; the drummondian "forget to remember", in aletheia's experience (unforgetfulness and truth), and the continuous consist and reconstitute itself from the subject in the intersubjective game of identities.

Key words: Poetry; Memory; Meta-memory; Plural subject; Tri-dimensional time.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Esquecer para lembrar: Boitempo III*. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1979.
- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CABRAL, Astrid. *Lição de Alice*. Rio de Janeiro: Philobilion, 1996.
- CAMPOS, Álvaro de. *Poesias*. Lisboa: Ática, 1969.
- CASTRO, Antonio Jardim de. *Música, vigência do pensamento poético*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, UFRJ, 1997.
- CUNHA, Helena Parente. *Maramar*. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/INL, 1980.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução Victor Jabouille. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. O princípio da identidade. In: *Que é isto – a filosofia? Identidade e diferença*. Tradução Hernildo Stein. São Paulo: Duas cidades, 1971. p. 47-68.
- HEIDEGGER, Martin. *El ser y el tiempo*. Tradução José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. A hermenêutica do mito. In: *Aprendendo a pensar*. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 193-208.

- MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958.
- OLIVEIRA, Marly de. *Obra poética reunida*. São Paulo: Massao Ohno Ed., 1989.
- PORTELLA, Eduardo. Paradoxes de la memoiré. Paris, *Diogéne*, n. 201, p. 3-4, 2003.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução Mário Quintana. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1983.
- ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1986. p. 27-32.
- SOARES, Angélica. O apelo poético-memorialístico do ilimitado em *Mulher no palco*, de Lya Luft. In: CASTRO, Manuel Antônio de (Org.). *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004. p. 298-310.

